



pixabay.com

A COSMOPOLÍTICA DO ANTROPOCENO

Por: Fernanda Daniela Prado¹

(...) “NÃO FOI O MUNDO QUE SE PERDEU, FOMOS NÓS QUE PERDEMOS O MUNDO E O PERDEMOS SEM PARAR, NÃO É ELE QUE EM BREVE VAI ACABAR, SOMOS NÓS QUE ESTAMOS ACABADOS, AMPUTADOS, NÓS QUE RECUSAMOS ALUCINADAMENTE O CONTATO VITAL COM O REAL.” *COMITÊ INVISÍVEL – AOS NOSSOS AMIGOS.*

¹ Licenciada em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina-PR; Especialização lato sensu em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Estadual de Londrina-PR; Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná; Professora da rede pública e privada de ensino em Curitiba-PR. **Email:** ferprado2005@gmail.com

O termo Antropoceno, foi sugerido pela primeira vez em um artigo do ano 2.000 por Paul Crutzen e Eugene Stoermer, ou seja, a noção de que adentramos uma nova era (a humanidade como força geológica). Durante o Holoceno (o Todo Recente), as atividades humanas tornaram-se gradualmente uma força geológica e morfologicamente significativa.

Ao propor o conceito de Antropoceno, é mais apropriado enfatizar o papel central da humanidade tanto na geologia quanto na ecologia. Alguns exemplos podem afirmar que a época geológica atual traz consigo uma modificação da relação do homem com a natureza: durante os últimos três séculos, a humanidade e a conseqüente urbanização cresceram dez vezes; a humanidade está exaurindo os combustíveis fósseis; o aumento de gases estufa; a extinção de várias espécies, etc.

Em contrapartida, Andreas Malm sugere que a era chamada de Antropoceno, talvez não seja a época geológica de toda uma espécie, mas somente de alguns poucos humanos. Segundo o autor:

“Quem está nos conduzindo em direção ao desastre? Uma resposta radical seria a dependência do sistema econômico da extração e do uso de energia fóssil. Algumas pessoas, no entanto, prefeririam identificar outros culpados”.²

Em setembro de 2.013, o IPCC (Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas), divulgou o relatório Summary for Policymakers indicando ser extremamente provável que a influência humana seja a causa dominante do aquecimento global observado desde meados do século XX. É importante ressaltar, contudo, que o limite máximo de aquecimento global considerado tolerável pelo IPCC é de 2 graus Celsius e se a temperatura subir mais do que isso, os efeitos esperados serão devastadores.

Porém, não se pode afirmar que houve uma tomada de consciência generalizada quanto à gravidade das conseqüências de tal mudança climática. O ceticismo/negacionismo do clima por parte de alguns indivíduos conseguiu criar a impressão de haver uma certa polêmica quanto à veracidade do

² MALM, Andreas. O mito do Antropoceno. p. 1.

aquecimento global e influenciar a opinião pública quanto à credibilidade do IPCC, o que claramente posterga a adoção de medidas políticas para conter as consequências devastadoras do aquecimento global. Déborah Danowski afirma:

“Há vários tipos de negacionistas e negacionismos: há os por assim dizer independentes e há os que, por baixo do pano, são pagos por grandes corporações, pelas companhias de carvão, petróleo e gás para produzir artigos de jornal baseados em falsas pesquisas científicas. Mas há ainda um outro tipo de gente que, por motivos diferentes, ou “não aceita” a realidade das mudanças climáticas, ou aceita, mas “não tanto assim”. São pessoas até bem esclarecidas, que dizem frases como: “ah, nisso eu não posso acreditar”, “isso também não, aí já é demais”, “isso é catastrofismo”... “Catastrofismo não”.³

Por que os chamados “negacionistas do clima” insistem em tentar desacreditar as evidências de que o aquecimento global tem origem antrópica? A crise climática é uma manifestação de uma etapa do desenvolvimento capitalista. Tal sistema impõe novas pressões sobre o sistema da Terra e aguça brutalmente a crise ecológica que vivemos atualmente. Como se não bastasse os dados alarmantes acerca do aquecimento global, um grupo de cientistas afirma ter identificado nove processos biofísicos (“limites planetários”), os quais não podem ser ultrapassados pela humanidade, ou seja, mudança climática, acidificação dos oceanos, depleção do ozônio estratosférico, uso de água doce, perda de biodiversidade, interferência nos ciclos globais de nitrogênio e fósforo, mudança no uso do solo, poluição química e taxa de aerossóis atmosféricos. Com isso, pode se afirmar que estamos em meio a uma crise ecológica sem precedentes para a civilização.

Como interpretar o conceito de Antropoceno? O triunfo do homem ou a dissolução do homem?

Diante de tantos dados alarmantes de que o futuro que nos aguarda será catastrófico, graças à ação humana predatória (principalmente no que se relaciona ao capitalismo industrial) sobre o sistema da Terra, não se assemelha em nada com o ideal de progresso e emancipação da Idade Moderna.

³ DANOWSKI, Déborah. O Hiperrealismo das mudanças climáticas e as várias faces do negacionismo. p. 6.

Bruno Latour afirmou recentemente que os sonhos que poderiam ser alimentados no Holoceno não se sustentam no tempo do Antropoceno e propõe examinar em que espécie de tempo e espaço efetivamente nos encontramos quando aceitamos o conceito de Antropoceno. Em tal época, tanto a ciência quanto a política assumem uma configuração diferente e como bom indicador desta nova configuração tem-se o falso debate sobre a ciência do clima. O último relatório do IPCC indicou o aumento de 4 graus Celsius na temperatura global e pode-se perceber o “quietismo” dos diferentes governos e da sociedade civil diante de tal constatação. Segundo o autor:

“Apesar de suas armadilhas, o conceito de Antropoceno oferece um modo poderoso, se usado de maneira sensata, de evitar o perigo da naturalização à medida que permite reconfigurar o antigo domínio do social – ou “humano” – em domínio dos Terráqueos ou dos Terranos. Como a língua de Esopo, o Antropoceno pode transmitir o pior – ou o que é ainda pior, transmitir mais do mesmo –; isto é, o movimento de vai e volta entre, de um lado, a “construção social da natureza” e, de outro, a visão reducionista dos humanos feitos de carbono e água, forças geológicas entre outras forças geológicas, ou, ainda, lama e poeira sobre lama e poeira”.⁴

Ciência versus Política, eis um dos problemas que paralisam a política no Antropoceno, pois não se trata de um debate racional. De um lado os climatólogos do IPCC e de outro lado, aqueles que usam a racionalidade e apelam para a liberdade científica para poluir não apenas a atmosfera, mas também a esfera pública. A controvérsia que se coloca é a de que ambos os lados sustentam que a ciência trata de fatos da natureza, ao passo que a política trata da ideologia. A outra parte desta mesma controvérsia é a de que a ciência trata de fatos incontroversos e incontestáveis como também fornece subsídios para as políticas.

Deve se também abandonar a ideia de que a ciência é o campo de fatos incontroversos e incontestáveis. A ciência é o campo da produção por meio de uma instituição de várias disciplinas e de uso e monitoramento de instrumentos

⁴ LATOUR, Bruno. Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno. Revista de antropologia, São Paulo, USP, 2014, v. 57 nº 1. p. 12 e 13.

na qual a politeia deve ser construída. Aqui tanto a ciência como a política são atividades mundanas, frágeis, comuns e passíveis de questionamentos. A única coisa que elas não podem permitir é atuarem separadamente, pois sem os instrumentos da ciência, o corpo político não poderá saber quantas “entidades desconhecidas” é preciso levar em consideração. Sem a política, o mesmo corpo político poderá ordenar, selecionar aqueles número desconcertante de agências com as quais ele tem de compor progressivamente um mundo comum (política com ciência).

Em Políticas e Natureza, Latour afirma que o grande paradoxo dos Modernos é ter proporcionado, para a distinção absoluta entre Ciência e Política, a tarefa de manter fatos e valores o mais separadamente possível. Tal conexão toma uma direção ortogonal: fazer com que Ciência e Política exerçam suas tarefas essenciais e definir *quantas entidades* devem ser consideradas e como elas podem permanecer juntas de maneira viável. Segundo o autor:

“Como poderíamos introduzir o conceito de Antropoceno e não extrair as consequências em termos de uma política da Terra? Minas, rios, poluição, oceanos, peixes, frango, grama, insetos, nuvens, chuva e inundações – todos eles estão diante de nós”.⁵

Latour também afirmou recentemente que a humanidade parece se encontrar numa situação de desconexão no que se refere à crise ecológica e civilizacional de nosso tempo. Segundo o autor, esta desconexão é advinda do fato que nada podemos fazer em relação as forças supremas da natureza. Em outras palavras, não somos capazes de conceber que nossas ações (muitas vezes consideradas insignificantes e efêmeras) possam ter alguma interferência na crise ecológica do planeta.

Uma das alternativas viáveis para uma compreensão do Antropoceno seria não mais sustentar os mesmos valores adquiridos em nossa passagem pela modernidade, como também não manter mais suas rígidas divisões: natureza e cultura, sujeito e objeto, fatos e valores.

⁵ LATOUR, Bruno. p. 24.

Para Latour, a importância do conceito do Antropoceno ultrapassa o campo da geologia e encontra na política, filosofia, antropologia e religião, na medida em que se constitui como uma alternativa às noções de moderno e modernidade. O autor propõe a substituição do conceito de antiga natureza por Gaia (teoria elaborada por James Lovelock na década de 1.980), isto é, Gaia é o nome de uma complexa rede de relações de organismos (oceanos, atmosfera, rochas, etc) que regula as condições físicas e químicas das formas de vida existente.⁶ Gaia, neste sentido, se coloca como um sistema autorregulador, cujo funcionamento depende da interação dentre agentes orgânicos e inorgânicos. A grande contribuição do conceito de Gaia para compreender o estado de coisas no mundo antropocênico é a mutabilidade daquilo que antes era considerado ambiente. Aqui é importante ressaltar que Gaia não pode ser confundida com a Natureza, e a crise ecológica seria uma das consequências deste engano.

Um sentimento semelhante de desconexão no que se refere à crise ecológica e civilizacional de nosso tempo é apontado também pela filósofa Isabelle Stengers em seu livro *Au temps des catastrophes: Résister à la barbarie qui vient*, onde vivemos como se estivéssemos suspensos entre duas histórias: Uma delas teria como pressupostos os termos “competição”, “crescimento” e “progresso” e a segunda história já é bastante clara quanto à catástrofe ambiental vias de concretização.

Já o historiador indiano Dipesh Chakrabarty afirma que o Antropoceno é a época em que três histórias se colidem: a dos sistemas planetários, a biológica e a do modo de vida industrial. Também afirma, a saber, que a espécie humana, justamente no momento em que se transforma em força natural, é incapaz entretanto de se constituir como agente biológico consistente e em condições de assumir o papel de sujeito de uma história universal da humanidade. Segundo o autor:

“Estudiosos que escrevem sobre a atual crise da mudança climática estão de fato dizendo algo significativamente diferente

⁶ Gaia, por sua vez, deriva das teorias de James Lovelock e Lynn Margulis, que explicam a história da composição altamente improvável (de um ponto de vista físico-químico) da atmosfera terrestre, a qual veio favorecer a existência e a manutenção da vida, a partir da ideia fundamental de que a vida é causa, tanto quanto consequência, das condições que a mantém.

daquilo que os historiadores ambientais haviam dito até então. Enquanto involuntariamente destroem a distinção artificial, mas respeitada, entre as histórias natural e humana, os cientistas do ambiente postulam que o ser humano se tornou muito maior do que o simples agente biológico que sempre foi. Os seres humanos agora exercem uma força geológica”.⁷

Podemos responsabilizar todos os seres humanos igualmente por ultrapassar dos limites planetários? Teriam os povos indígenas, ou grupos humanos com renda abaixo da linha da pobreza o mesmo peso sobre Gaia que as grandes indústrias poluentes ou os habitantes dos países desenvolvidos?

Embora a universalidade do Antropoceno promova uma sensação compartilhada de catástrofe e, por conseguinte, a reafirmação da humanidade como espécie, a mudança climática possibilitaria que o ser humano repensasse a sua condição, pois além da perda de biodiversidade, a ação geológica do homem poderia trazer a destruição do próprio homem e da própria natureza que o mesmo habita.

A problemática que se coloca a partir da proposta de Chakrabarty (reunificação dos povos como espécie) é que os humanos nunca “experimentaram-se como espécie”. Mesmo que haja a identificação emocional com a palavra humanidade, jamais poderíamos saber o que é ser uma espécie, pois na história das espécies, os humanos seriam apenas um exemplar do conceito de espécie. (Ninguém experimenta a condição de ser um conceito).

Se para Chakrabarty, as mudanças climáticas colocam, diante de nós, questões sobre a coletividade humana (e a consequente, sensação compartilhada de catástrofe), Latour atribui ao Antropoceno como um “estado generalizado de guerra”, ou seja, não se pode esperar que um apelo as questões ecológicas possam reunir todas as pessoas de forma pacífica. O *anthropos* do Antropoceno não pode ser compreendido como significando a “espécie humana”, pois para cada assunto relacionado à crise ecológica, haverá diversas disputas de conhecimento entre grupos com distintas percepções (como por exemplo, a questão acerca dos transgênicos e das medidas de proteção à vida selvagem).

⁷ CHAKRABARTY, Dipesh. O clima da história: quatro teses. p.9

Neste sentido, Latour afirma que pensar a humanidade como unificada é ainda um reflexo da separação Natureza-Cultura moderna e sugere uma reunião de coletivos, definindo os dois povos em disputa: de um lado estão os Humanos (“povo da Natureza”) e de outro os Terranos (“povo de Gaia”). Tanto Humanos quanto Terranos não recorrerão à Natureza como árbitro; Gaia é a entidade que os reúne.

Inevitáveis questionamentos surgem a partir de tais reflexões: Estamos no controle das coisas? No que a catástrofe (o colapso do mundo) nos afeta? Eis alguns dos paradoxos do conceito de Antropoceno: Ao mesmo tempo que seria a época do homem, pode-se afirmar também a dissolução do mesmo?

A barbárie traz a devastação no sentido espiritual, político, econômico e ambiental. Onde diferentes humanidades e uma única catástrofe se interligam, faz se necessário o compromisso do discurso filosófico da modernidade. Chakrabart nos alerta sobre as discussões sobre o conceito de liberdade no período decorrido desde o Iluminismo. Nunca houve qualquer consciência do poder geológico que os seres humanos estavam adquirindo através da aquisição da liberdade. Segundo o autor, é compreensível que os filósofos estavam mais preocupados em achar soluções plausíveis para que os seres humanos se libertassem da injustiça, opressão, desigualdade, etc. Nas palavras de Chakrabart:

“A mansão das liberdades modernas repousa sobre uma base de uso de combustíveis fósseis em permanente expansão. A maior parte de nossas liberdades até hoje consumiu grandes quantidades de energia. O período da história humana geralmente associado ao que hoje concebemos como as instituições da civilização – os primórdios da agricultura, a fundação das cidades, o surgimento das religiões que conhecemos, a invenção da escrita – iniciou-se há cerca de dez mil anos, quando o planeta passava de um período geológico, a última era do gelo ou o Pleistoceno, para o mais recente e calorífico Holoceno”.

Ao analisar o conceito de liberdade, é claro que temos diferentes significados em diferentes épocas, sendo um dos temas mais importantes da história humana. A máxima sartreana afirma que a liberdade é o fundamento de todos os valores. Aqui tanto a liberdade quanto a responsabilidade são de suma importância para a reversão urgente de um possível (e talvez muito próximo)

cataclisma universal. Esta espécie de “aniquilação transformadora” não teria um sentido único de somente de responsabilizar aqueles que agem visando somente o seu bem estar, mas de salvaguardar o ser que não seja somente o ser humano.

Ao se referir à catástrofe, não se pode deixar de lado, a interpretação de que esta catástrofe nos afeta de maneira existencial, metafísica e afetiva. A estranheza diante do mundo somado ao ideal moderno de controle e posse da natureza, são os resultados do nosso “estar no mundo”. A característica mais marcante deste existencialismo pode ser o fato de que a catástrofe objetiva do mundo serve apenas para mascarar uma outra catástrofe ainda mais significativa, ou seja, o esgotamento dos recursos subjetivos e vitais que atingem os contemporâneos. No Capítulo dois de O comitê invisível – Aos nossos amigos pode se ler:

“O desastre objetivo serve-nos antes de mais para mascarar uma outra devastação, ainda mais evidente e mais massiva. O esgotamento dos recursos naturais é provavelmente muito menos avançado do que o esgotamento dos recursos subjetivos, dos recursos vitais que atinge os nossos contemporâneos. Se nos satisfazemos tanto a detalhar a devastação do ambiente, é também para cobrir a assustadora ruína das interioridades. Cada maré negra, cada planície estéril, cada extinção de espécies é uma imagem das almas em farrapos, um reflexo da nossa ausência do mundo, da nossa impotência íntima para o habitar.”⁸

É possível que Latour tenha razão quando afirma que com o Antropoceno, somos lançados num tempo, num espaço e numa história diferentes daqueles em que pensávamos estar imersos desde a modernidade (separação entre humano e o não humano). Por essa razão, não se pode mais sustentar os mesmos valores adquiridos na modernidade.

Se a modernidade nasce com a invenção de uma separação ontológica entre os não humanos (que contempla os fatos naturais que compõe a realidade exterior) e os humanos (domínio da subjetividade) e toda a ontologia é antropocêntrica, faz se o seguinte questionamento: como conciliar a

⁸ Comitê invisível – Aos nossos amigos. Cap. 12. p. 14-15.

multiplicidade dos mundos e a unidade da catástrofe? A Gaia política redesenhará inevitavelmente todos os mapas.

Referências bibliográficas:

ANDERS, Gunthër. Teses para a era atômica.

CHAKRABART, Dipesh. O clima da história: Quatro teses.

COMITÊ INVISÍVEL – Aos nossos amigos. Cap. 2

COSTA. Alexandre Araújo. Sobre Crise Ecológica, Violência e Capitalismo no século XXI.

COSTA. Alyne de Castro Costa. Guerra e paz no Antropoceno: Uma análise da crise ecológica segundo a obra de Bruno Latour. Dissertação de mestrado. Cap. 3. Rio de Janeiro. 2.014

CRUTZEN, Paul J, STOERMER, Eugene F. O Antropoceno.

DANOWSKI, Déborah. O hiperrealismo das mudanças climáticas e as várias faces do negacionismo.

FAUSTO, Juliana. Os desaparecidos do Antropoceno.

KANT, Immanuel. O fim de todas as coisas. tradução: Artur Morão.

KOPENAWA, ALBERT, Bruce, Davi. A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami/Davi Kopenawa e Bruce Albert; tradução: Beatriz Perrone-Moisés; prefácio: Eduardo Viveiros de Castro – 1.ª edição – São Paulo: Companhia das Letras, 2.015. capítulos: 8, 16, 23, 24

LATOUR, Bruno. Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno. Revista de antropologia, São Paulo, USP, 2014, v. 57 nº 1.

_____. LATOUR, B. War of the Worlds: What About Peace?
Translated by Charlotte Bigg. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2002. (tradução de Marco Antonio Valentim).

MALM, Andreas. O mito do Antropoceno.

MEDEIROS, Rondinely Gomes. Mundo quase árido.

NARRATIVAS INDÍGENAS. A cosmopolítica das mudanças climáticas.

NOBRE, Antonio Donato. O futuro da Amazônia.

NODARI, Alexandre. Limitar o limite: modos de subsistência.

OS MIL NOMES DE GAIA: do Antropoceno à Idade da Terra. Colóquio internacional, Rio de Janeiro, 15-19 de setembro de 2014.

SRNICEK, NICK. Manifesto Acelerar: por uma política aceleracionista.

STENGERS, Isabelle. No tempo das catástrofes resistir à barbárie que se aproxima. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. Capítulos 4, 5 e 6.

TADDEI, Renzo. Altergeoengenharia.

VALENTIM, Marco Antonio. A sobrenatureza da catástrofe.